

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR E PLANEJAMENTO
EDUCACIONAL – DAEPE
DOCENTE: SANDRA MONTENEGRO
DISCENTE: FLÁVIA ALVES FERREIRA
ORIENTADORA: PROF.ª DANIELA MARIA FERREIRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A escolha dos estabelecimento de ensino, no ensino básico.

RECIFE

2017

Flávia Alves Ferreira*

Daniela Maria Ferreira*

Resumo

O presente artigo tem como finalidade a compreensão dos processos de escolha das instituições de ensino básico. Trata-se de refletir como essas escolhas são construídas, que tipo de recurso social e cultural as famílias mobilizam na realização desse processo. Para tanto, foi realizada um conjunto de entrevistas semiestruturadas com 4 famílias dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. Os resultados apontam que tanto a localização geográfica quanto o capital informacional constituído por meio das redes de sociabilidade são elementos que condicionam as escolhas das famílias no que diz respeito às estratégias de escolarização da prole. A pesquisa aponta ainda a relação entre a escolha do estabelecimento de ensino do ensino básico e o ingresso no curso de Pedagogia.

Palavras-Chave: Estratégias de escolarização; escolha do estabelecimento de ensino; capital informacional.

* Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fah.designer@hotmail.com

* Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, orientadora da autora do presente artigo. E-mail: dmffr@yahoo.fr

I - Introdução

O presente trabalho teve por finalidade realizar um estudo sobre os processos de escolhas das instituições de ensino básico. O interesse por esta temática surgiu através das discussões realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa Família, Escola e Profissão (GEPFEP), no Centro de Educação, da Universidade Federal de Pernambuco, no qual tivemos a oportunidade de descobrir e trabalhar com uma pesquisa sobre os recursos sociais e culturais mobilizados pelos estudantes do curso de Pedagogia da UFPE para construir suas trajetórias universitárias. Entre as questões que tratamos ao longo da realização dessa pesquisa, chamou atenção os investimentos escolares realizados pelas famílias dos estudantes de Pedagogia antes destes ingressarem na UFPE.

Além disso, as leituras voltadas para o pensamento sociológico sobre as trajetórias de estudantes oriundos das camadas populares, através de autores como Pierre Bourdieu (2007, 2004), Christian Baudelot (2004), Maria Alice Nogueira (2004), e Agnes Van Zanten(2010), ajudaram a fomentar o desejo de estudar os caminhos que antecederam o ingresso à Universidade.

De uma maneira geral, os autores acima apontam como a escola se tornou uma instituição importante no processo de profissionalização dos indivíduos e o quanto os investimentos escolares, por parte das famílias das diferentes classes sociais, veem se tornando cada vez maiores. As famílias mobilizam cada vez mais uma diversidade de estratégias de modo a garantir uma instituição que proporcione aos seus filhos maiores oportunidades de se preparar para o mercado de trabalho e garantir um espaço na sociedade.

Dessa forma, a importância em se estudar as escolhas das instituições de ensino está atrelada a compreensão das desigualdades educativas, reveladas nos resultados escolares, o que ajuda a pensar as desigualdades sociais que vem crescendo vertiginosamente.

II- Objetivos:

A pesquisa tem por objetivo geral compreender como se constitui o processo de escolha das instituições escolares de ensino básico. Para tanto, procurou conhecer os recursos sociais e culturais mobilizados pelas famílias dos estudantes de Pedagogia da UFPE para escolher as instituições de ensino básico de seus filhos; identificou os meios pelos quais as famílias adquirem informações sobre o universo escolar e, por fim, as estratégias que utilizaram para escolarização básica de sua prole.

III- Referencial Teórico- metodológico

Pensar sobre a participação da família na busca de uma instituição de ensino para seus filhos implica necessariamente refletir sobre as diferentes realidades sociais e culturais nas quais os indivíduos estão inseridos. Longe de ser um opção que surge de uma hora para outra, a escolha do estabelecimento de ensino está intimamente relacionada às condições objetivas e as possibilidades de sobrevivência social das famílias (BOURDIEU, 2004 e 2007; ZANTEN, 2010; BAUDELLOT,2004; NOGUEIRA, 2004).

Assim, por exemplo, as famílias de camadas superiores que possuem um maior volume de recurso cultural, social e econômico dispõem de um leque de informações à respeito do mercado escolar que as classes menos abastadas não tem: como, por exemplo, o conhecimento do rankings das escolas mais rentáveis, os cursos de maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho, entre outros (BOURDIEU, 2007). O grau de ousadia e a disposição ao risco nas escolhas das instituições de ensino, visando o êxito na formação dos filhos, dependem do volume da herança cultural acumulada e mobilizada pelas famílias (NOGUEIRA, 2004) . Essa herança cultural usada pelas famílias nas estratégias de escolarização de seus filhos pode ser traduzida em termos bourdiesianos pela noção de capital cultural. Por capital cultural entende-se propriedades culturalmente acumuladas pelas famílias e incorporadas pelos filhos através de uma transmissão adquirida nos diferentes espaços que os indivíduos circulam ao longo da vida (BOURDIEU, 2007).

Se por um lado a noção de capital cultural é importante para compreendermos as diferentes apostas que os grupos familiares realizam em termos de escolarização, por outro, não podemos perder de vista a importância que a escola vem assumindo nas sociedades contemporâneas, em particular, na ocupação de cargos e postos no mercado de trabalho.

Em seu estudo sobre a crescente exigência e competitividade do mercado de trabalho, Baudelot (2004) destaca a preocupação das famílias, em específico, da classe trabalhadora, com o futuro profissional de seus filhos. O autor observa que na medida em que as dificuldades enfrentadas pelos jovens para o ingresso no mercado de trabalho aumentam, a escola tende a aparecer como determinante social importante, pois quanto maior a qualificação menor é a probabilidade do indivíduo ficar desempregado. Nesse sentido, o investimento na escolarização dos filhos passou a ser fundamental no caminho para uma nova oportunidade de vida. Se até 40 anos atrás, a escolha do estabelecimento de ensino que até se configurava como uma estratégia comum entre as classes sociais mais abastadas, atualmente tal estratégia se tornou corriqueira entre as famílias das camadas populares, sobretudo, em períodos que o aumento do desemprego torna-se mais acentuada.

De acordo com Nogueira (1998), a mobilidade social dos filhos, o destino ocupacional e até ascensão social dos mesmos são preocupações presentes nos diversos grupos familiares. A autora ressalta que o desejo de investir no processo de escolarização independe de classe social, pois, em sua grande maioria, a sociedade compartilha dos mesmos valores morais quanto à profissionalização dos filhos.

Vista como uma garantia de ingresso no mercado de trabalho e, portanto, a oportunidade de vislumbrar uma posição social mais elevada, o investimento na escolarização dos filhos é percebido pelas famílias como uma via de assegurar a nova geração uma melhor condição de vida. Nesse sentido, as famílias buscam identificar, dentro de sua rede de sociabilidade, a existência de uma intuição que atenda suas condições reais e objetivas ao mesmo tempo em que traga para seus filhos uma possibilidade de qualificação aceitável no mercado de trabalho.

As redes de sociabilidade, por meio das quais as famílias coletam informações a respeito do universo escolar, implicam em uma convivência social semelhante. Por meio delas, as famílias acabam por compartilhar das mesmas expectativas de futuro, desejos de mobilidades sociais, moradias, ambientes, entre outros. Entre os fatores comuns que são compartilhados nessas redes, Zanten (2010) identifica a acessibilidade, a segurança, e, sobretudo, a qualidade do ensino como cruciais na procura de uma escola para os filhos. A autora demonstra ainda que a insatisfação de algumas famílias com relação a alguns estabelecimentos de ensino e a não aceitação de que seus filhos estudem nos mesmos, é reflexo do medo de um contato que eles possam ter com algo ou alguém que não estabeleça uma concordância com os valores construídos e mantidos pela família ao longo dos anos. Assim, as famílias procuraram investir em uma escola que lhes ofereça uma educação condizente com o seu *ethos*, que compartilhem das mesmas ideias, repelindo, mesmo que indiretamente, aqueles que não se identifiquem com a sua realidade social.

É com base nos referenciais teórico-metodológicos mencionados acima que a pesquisa aqui apresentada fundamenta sua investigação à respeito das escolhas dos estabelecimentos de ensino.

IV- Metodologia

A pesquisa, de delineamento qualitativo, procurou coletar informações sobre as escolhas das instituições de ensino básico por parte das famílias dos estudantes de Pedagogia da UFPE. Para entender os fatores subjetivos e objetivos que condicionaram as escolhas do estabelecimento de ensino nos quais os estudante de pedagogia realizaram seus estudos, realizamos um conjunto de entrevistas semiestruturada com quatro (4) famílias de estudantes.

A identificação desses estudantes e suas famílias foi feita por meio da consulta à base de dados construída para a realização da pesquisa sobre os percursos universitários dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. A base contém informações socioculturais e educacionais dos estudantes que ingressaram tanto em 2012.1 quanto em 2012.2. Construída a partir de um questionário, aplicado no ano de 2012/2013, a base é composta por 175 estudantes do curso de pedagogia da UFPE, nos turnos da manhã, tarde e noite. Assim, por meio da base podemos reunir informações sobre as origens sociais dos estudantes, como bairro onde mora, onde cursou o ensino básico, escolaridade dos pais, entre outras.

Verifiquei que entre os 175 estudante 62 % cursaram o ensino fundamental em escolas privadas. Já no ensino médio apenas 18 % frequentaram um estabelecimento de ensino privado. Essa alteração do privado para o público tornasse relevante quando considerado que o ensino médio é uma preparação para um possível ingresso no ensino superior. função desses dados, foram selecionados os estudantes para as entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram gravadas e transcritas. A análise dos depoimentos foi realizada com base no pensamento sociológico de autores como Pierre Bourdieu, Christian Baudelot, Maria Alice Nogueira, Agnes Van Zanten que tem suas pesquisas voltadas para as estratégias escolarização pelos indivíduos e grupos de indivíduos.

V- Análise dos dados e resultados

1. O perfil das estudantes

As entrevistas foram feitas com quatro estudantes do sexo feminino e suas respectivas mães. Das quatro estudantes, apenas uma não estudou em escola privada durante o fundamental. Elas têm entre 24 e 26 anos e são residentes de bairros periféricos. Três delas são solteiras e apenas uma casada. No que diz respeito à escolaridade dos seus pais, apenas os pais (pai e mãe) de uma estudante possui ensino superior. Das quatro estudantes apenas uma não fez o magistério. As estudantes sempre foram assistidas pelas mães, o pai não tem uma presença muito ativa em nenhuma das falas. Todas as estudantes autodeclararam pertencer a um religião: sendo 3 evangélicas e uma católica.

2. A escolha do estabelecimento : localização geográfica e logística do cotidiano familiar

2.1 Localização geográfica e logística do cotidiano familiar

As entrevista indicam que uma das dimensões importantes para compreendermos as escolhas das instituições de ensino por parte das famílias, nos anos iniciais e no fundamental I, é a proximidade entre a escola e o bairro em que residem. Essa observação encontrada nas entrevistas é também apontada nas pesquisas de Zanten (2010), Resende, Nogueira e Nogueira (2011).

De maneira semelhante as observações feitas por Zanten (2010), observamos que as disposições das casas, bem como a logística do dia a dia, a segurança e as relações de proximidade com as profissionais de ensino contribui para enquadrar mais estreitamente as escolhas escolares. A mãe da estudante Selmara, por exemplo, afirma que já conhecia a professora da escolinha do bairro e que isso foi decisivo, além da proximidade com sua casa, para matricular sua filha

na escola Zumira, localizada no bairro Jardim Paulista Baixo, na periferia da cidade de Paulista. “ (...) *Ela (a professora) era daqui mesmo (bairro)*” (Cf.pesquisa de campo, trecho da entrevista com a mãe de Selmara, maio de 2017).

Resende, Nogueira e Nogueira (2011), também indicam em pesquisa feita com 299 famílias de Belo Horizonte, de camadas populares, que os pais das escolas estaduais e municipais priorizam a qualidade do ensino e a localização. A dona de casa, mãe da estudante Fatima, ao ser indagada sobre a escolha do estabelecimento de ensino e a localização do mesmo, enfatiza o fato da proximidade geográfica em relação ao bairro em que morava, deixando entender que a escolha teria se dado em função localização: “*Não, aqui próximo, bem próximo , é só atravessar ali e tem a rua São João [...]*” (Cf.pesquisa de campo, trecho da entrevista de Fátima, maio de 2017)

Juntamente com a localização geográfica da escola, um outro fator que se revela como favorável a escolha da escola é a logística do cotidiano familiar. Maria, professora da rede publica de recife, não hesitou em matricular sua filha, Daniela, na mesma escola em que trabalhava. Com isso a professora facilitava o seu dia a dia tendo em vista que não contava com uma rede de solidariedade familiar para educação escolar de seus filhos. Em sua fala, Maria esclarece que “não havia ninguém que pudesse ficar com ela (Daniela, sua filha)”, e por isso, Daniela passava o dia inteiro na escola até o final do seu expediente.

“Era no horário que eu trabalhava, de manhã. Se eu passasse pra tarde, ela ficava de tarde. Ela tinha que fica junto de mim, não na minha sala, nunca fui professora de nenhum dos dois oficialmente não, mas assim (...).” (Cf.pesquisa de campo, trecho da entrevista com a mãe de Daniela, maio de 2017)

Tanto a localização quanto a logística cotidiana se constituem critérios importantes na escolha das escolas, independentemente da rede de ensino. No entanto, chama atenção, a preocupação que alguns pais tem à respeito do primeiro contato com o universo escolar. A escolha da escola privada é associada a garantia de uma alfabetização “bem feita”. A mãe de Selmara, costureira e mãe de 4 filhas,

relata que fez questão de colocar todas elas em escola particular de bairro até a conclusão do ABC.

“(...) ela (a estudante de Pedagogia) estudou um ano na particular (...) depois ela (a estudante de Pedagogia) não foi nem pra municipal. A segunda escola dela (da estudante de Pedagogia) já foi no Estado (...) (Cf.pesquisa de campo, trecho da entrevista com a mãe de Selmara, maio de 2017)

Como a mãe de Selmara, a mãe de Fátima, não hesitou em colocar sua filha em uma escola particular no bairro em que morava. De acordo com seu depoimento, a escola particular era garantia de uma escolarização “rápida e eficaz”. Quando questionada porque não utilizou o sistema público de ensino para alfabetizar sua filha, a dona de casa responde enfaticamente que por ter condições financeira não deixaria de cololar sua filha em escola privada.

“Entrevistadora: por que a senhora não utilizou o sistema de ensino público?”

“Não! Não, até porque na época eu tinha condição né, não ia deixar de botar ela numa escolinha”

(Cf.pesquisa de campo Trecho de entrevista com a mãe da Estudante Fatima).

2.2 O capital informacional

Uma segunda dimensão observada para compreendermos a escolha das escolas no ensino básico diz respeito ao capital informacional, que as famílias mobilizam para ter conhecimento sobre as instituições escolares. Esse conjunto de recursos sobre o universo educacional influencia tanto de modo direto quanto indireto na escolha dos estabelecimentos escolares, sobretudo, para o normal médio¹. Se num primeiro momento é a organização funcional da vida cotidiana que é mencionada pelas famílias como crucial para escolher a escola de seus filhos, até porque esses ainda são muito novos, num segundo momento, é o conjunto de

¹ Formação em nível médio para a Docência na Educação básica, mais conhecido como magistério.

informações sobre o mercado escolar que parece predominar nas decisões dos familiares à respeito da escolarização de seus filhos adolescentes.

O depoimento da estudante Fatima aponta a importância de sua tia materna, professora pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, para o gosto pela leitura e o cuidado com a escolha da escola. Fortemente incentivada pela tia, Fatima realizou o curso de magistério na Escola Sylvio Rabelo, estabelecimento público de referência nesse nível de ensino, localizado no centro da cidade do Recife:

“Então, minha tia também, minha tia ela trabalhava na Fundação Joaquim Nabuco. (...) sempre que eu ia pra casa dela, eu ficava num quarto que tinha vários livros. Ela me dava jornal pra ler, tinha, eu tive um estímulo desde pequena com a minha tia. Ela sempre me incentivava a crescer no estudo e eu fui tendo gosto de estudar, sabe? Por causa da minha mãe e da minha tia!”. (Cf. pesquisa de campo, trecho da entrevista com a estudante Fátima, maio de 2017)

As informações mobilizadas pela família de Daniela, formada em sua grande maioria por professores, também foram cruciais para a escolha do seu curso, bem como das escolas em que circulou durante o ensino básico. Além de ter estudado na escola anexo da tradicional Americano Batista, Daniela fez seu ensino médio na Escola Professora do Carmo Ribeiro, conhecida como escola polivalente, referência também no ensino normal médio. Ao ser interrogada sobre a formação da filha no normal médio, a mãe da estudante diz acreditar que seu interesse pela área educacional deve-se a sua convivência no meio, tendo em vista que a estudante participava constantemente dos encontros educacionais com a sua mãe, também professora.

“Acredito, porque ela me ajudava e muito! Dani ia pra formação comigo, capacitação, palestra, é... semana de capacitação, era semana todinha na Universidade Federal de Pernambuco ou então no Classic Hall, e Dani estava sempre comigo, Dani e Gabriel me ajudavam muito na correção dos cadernos das crianças, corrigiam as provas comigo do prezinho, eles faziam tudo isso comigo, sempre mandei eles... se eu fizesse um painel eles que pintavam” (Cf. pesquisa de campo, trecho da entrevista com a mãe de Daniela, maio de 2017)

Diferentemente de Daniela, a estudante Luciane não tem nenhum parente professor, nem tampouco familiares que trabalham no universo educacional. Nos anos iniciais, a estudante frequentou a escola multiseriada no bairro rural em que morava, na cidade de Vitória de Santo Antão. Já o ensino fundamental a estudante foi encaminhada juntamente com a maioria de seus colegas de sala para uma pública na parte central da cidade. Lá, obteve informações à respeito da escola em que cursou seu ensino médio, considerada de referência na cidade. Entre idas e vindas e conversas trocadas com os moradores da cidade e colegas de classe, a família de Luciane não hesitou em acionar sua rede de relações sociais para conseguir uma vaga na tão desejada e conhecida escola.

“Então, eu esperava o ônibus perto dessa escola. Era uma escola referência, assim, todo mundo queria estudar lá. Na época, não na época que eu comecei a estudar que mudou gestão, mas antes de mim, era bem rígido. Assim, em fardamento, só entrava quem estivesse impecável, com toda farda daquela cor, tudo direitinho. Todo mundo falava dessa escola, que era muito boa e eu queria, né? Eu queria essa escola! Ai quando eu entrei já tava mais flexível. Minha filha o povo dormia lá pra conseguir vaga, era uma agonia, mas, pronto, a gente conseguiu por essa indicação, né?” (Cf. pesquisa de campo, trecho da entrevista com a estudante Luciane, maio de 2017)

3. Relação entre a escolha do estabelecimento de ensino, o ensino médio e o ingresso na Pedagogia da UFPE

3.1 – Normal médio e o curso de Pedagogia

O ingresso no ensino superior não acontece tão facilmente, as estudantes saem do segundo grau e entram no mercado de trabalho, duas delas que se formam pelo normal médio, mais conhecido magistério, iniciam cursinhos preparatórios para adentrar na Universidade Federal de Pernambuco, e custeiam esse preparatório com a bolsa do estágio proporcionado pelo magistério:

“Só que eu ainda pensei em tentar fazer medicina, só que eu pensei, ao mesmo tempo em que eu queria tentar medicina eu sabia que medicina era concorrido e o quanto eu não tinha quase nenhuma chance de passar pelo fato de eu não saber de biologia, nem química, e nem física que são as principais que a pessoa precisa saber e aí eu escolhi pedagogia. Eu pensei também em fazer história porque eu gosto de história ou assistência social porque eu queria

lidar com pessoas né. E quando eu entrei na universidade me deu vontade de fazer psicologia. E também o estágio, o estagio me fez ter a certeza de que era com educação que eu queria trabalhar porque eu trabalhei com criança especial, acompanhei cadeirante, dei aula na educação de jovens e adultos porque os professores faltavam, trabalhei com projeto social né, como projeto PETI que é o programa de erradicação do trabalho infantil. Trabalhei no CSU que é um centro social, então minha área é tudo social, trabalhei no projeto escola aberta que também é um projeto social pra comunidades carentes, fui envolvida também na escola aberta enquanto aluna. Então tudo isso, éee.., trabalhei como agente de leitura que foi justamente, ée.., cadastrar as famílias dentro do meu bairro levar e emprestar os livros, fazer roda de leitura com as famílias nas escolas. Então tudo isso me incentivava, era muito bom” (Cf.pesquisa de campo, trecho da entrevista com a estudante Luciane, trecho de entrevista com a Estudante Fatima, maio de 2017)

O percurso das estudantes foi bastante semelhante, levando em consideração que o magistério aparece em três entrevistas, que compreendemos ser o precursor do ingresso na pedagogia:

“Porque eu sempre quis ser professora, é.... minha Mãe dizia pra mim que fazer o magistério era interessante porque pra você ser um professor você teria que passar por lá, é interessante pra quem vai trabalhar na área que eu quero, que eu quero na... ser na área de professor de Educação Infantil, na época né , a educação infantil e professora do Fundamental I , então seria interessante passar pelo magistério pra ter certas experiências que eu não teria na Universidade . ai eu blz! Eu não queria ir por causa das amizades , mas eu fui, ela insistiu bastante ai eu fui, acabei gostando, fiz novos amigos, isso”. (Cf.pesquisa de campo, trecho da entrevista Trecho de entrevista com a Estudante Daniela, maio de 2017)

O normal médio é bastante influente no momento da escolha do curso superior, é certo que depois que o Ministério da Educação passou a investir na qualificação de professores da rede, que não possuíam o ensino superior, e após ser aprovado um projeto de lei que previa a obrigatoriedade da formação superior para professores da formação básica, o curso de Pedagogia se torna mais procurado.

Além disso, o ingresso no magistério parece despertar a vontade de continuar na área educacional, seria uma extensão dos conhecimentos recebidos pelo normal médio, afinal de contas as estudantes contam que ao ingressar no curso percebem a semelhança com a forma de trabalho dos professores do curso superior:

“Oh!! No ensino médio, normalmente no magistério, era bem parecido aqui com a universidade, prova, seminário. Lá tinha muito seminário, tinha trabalho em grupo, individual, praticamente o mesmo processo avaliativo daqui. Não tinha muita diferença não”. (Cf.pesquisa de campo, trecho de entrevista com a Estudante Fatima, maio de 2017)

3.2 . Médio Regular e o curso de Pedagogia

Contudo também surge exceção. Uma das estudantes admite ter tentado uma vaga no curso de Odontologia que era o que realmente queria, tendo sua tentativa frustrada tenta ingressar em um tecnólogo de Segurança do Trabalho, pois afirma ser uma área com vasto espaço no mercado de trabalho:

“No primeiro ano eu fiz pra Odontologia [...] Não, eu ainda tentei fazer um...um curso particular, eu não lembro nem porque eu tentei esse curso, mas eu lembro que eu tava querendo entrar numa Universidade, ai eu fui tentar fazer segurança do trabalho só que não formou turma, que era querendo ou não uma área que eu tinha afinidade, ai como não formou turma eu pedi meu dinheiro de volta, que eles ainda tavam querendo me convencer a escolher outro curso, ai eu disse não, eu não vou escolher outro curso, eu to pagando eu tenho que pagar pelo que eu quero fazer, não pelo que você estão oferecendo, ai eu desisti, ai foi no mesmo ano que eu passei na Federal, ai eu lembro que eu peguei esse dinheiro que eles me reembolsaram e paguei minha habilitação [...] Porque era uma área que.....eu não lembro assim o motivo que eu escolhi, mas eu lembro que era uma área que tava muito em alta, e tinha uma grande possibilidade de consegui emprego na época, ai eu também fui por essa intenção do mercado de trabalho, por causa de Suape que tava crescendo, tinha muito emprego surgindo nessa área, que qualquer empresa precisa de um funcionário na área de Segurança do Trabalho ai eu vi também por esse lado de consegui um emprego”. (Cf.pesquisa de campo, trecho de entrevista com a Estudante Fátima, maio de 2017)

Por fim, não tendo sucesso em suas tentativas e incentivada pela mãe presta vestibular pela ultima vez agora para Pedagogia:

“[...] ai eu vou tentar Pedagogia que é outro curso que eu tenho afinidade e que tem uma área de.... um mercado de trabalho amplo, não tem só ah! Você estuda Pedagogia só pra ensinar na área de Educação Infantil, pro ensino fundamental, você também pode ficar na área de gestão em outras áreas de Pedagogia [...]” (Cf.pesquisa de campo, trecho de entrevista com a Estudante Selmara, maio de 2017)

A estudante ainda reconhece o desejo da família que ela ingressasse nos cursos de mais prestígios como Direito e Medicina:

“Curso que todo mundo visa né, Direito, Medicina...esses cursos assim, mas como eu não gostava da área eu também...eu nunca prestei. (Cf.pesquisa de campo, trecho de entrevista com a Estudante Selmara)

VI- Considerações Finais

A pesquisa buscou compreender as escolhas das instituições de ensino básico por parte das famílias de estudantes do curso de Pedagogia da UFPE. A pesquisa permitiu conhecer os recursos sociais e culturais mobilizados pelas famílias dos estudantes no que diz respeito aos processos de escolarização dos mesmos. Dentre esses, chama atenção, a preocupação com a localização geográfica dos estabelecimentos de ensino, a logística do cotidiano familiar e o capital informacional acumulados em função de diferentes redes de sociabilidade.

A relação do bairro com a escolha das escolas demonstra uma certa resistência a adesão de estabelecimentos fora dos bairros que residem. Essa resistência é baseada pela questão de segurança, além de ajudar na logística diária.

Já as informações coletadas e recebidas através das relações sociais nos ambientes que convivem, como os bairro que residem, familiares, escolas entre outros, contribuem significativamente com as escolhas das instituições de ensino básico.

VII- Referências

BAUDELOT, Christian. **As qualificações aumentam, mas a desigualdade torna-se ainda maior.** Pro-Posições, v. 15, n. 2(44) maio/ago. 2004

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção crítica social do julgamento.** Editora Zouk, Paris, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação.** Editora Vozes, Petrópolis, 2007.

CUNHA, Maria Amália de Almeida e ALMEIDA, Carla Aparecida. **O Veredito Escolar e a Legitimidade das Práticas Culturais: uma relação bem sucedida.** Currículo sem Fronteiras, v.10, n.2, pp.268-283, Jul/Dez 2010.

MONTEZANO, Maria de Lourdes da Cunha. **Cultura Religiosa Protestante e Rendimento Escolar nas Camadas Populares: Um estudo sobre práticas socializadoras.** São Paulo, 2006.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: o processo de escolha do curso superior.** Belo Horizonte, 2004.

NOGUEIRA, Maria Alice, **Relação Família- Escola: Novo objeto na sociologia da educação.** São Paulo, 1998.

PONTES, Nicole Louise M. T. de. **É possível uma ação criativa?** Elementos para uma Teoria da Ação na obra de Pierre Bourdieu. Recife, 2002.

RESENDE, Tania de Freitas, NOGUEIRA, Claudio Marques M e NOGUEIRA, Maria Alice. **Escolha do Estabelecimento de Ensino e perfis familiares: Uma faceta a mais das desigualdades escolares.** *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 953-970, out.-dez. 2011 Disponível em:
<http://www.cedes.unicamp.br>

ZANTEN, Agnès van. **A escolha dos outros: julgamentos, estratégias e segregações escolares.** Educação em Revista, Belo Horizonte v.26/ n.03, 2010.